

Sobre a vergonha: algumas considerações

Camila Peixoto Farias

E-mail: camilapsi.pf@mail.ufsm.br

Maria Luiza Furtado Kahl

E-mail: marilufk@terra.com.br

Resumo: A experiência da vergonha está relacionada com a construção do narcisismo, principalmente com a fase primitiva do narcisismo, o eu ideal. A passagem do eu ideal para o ideal de eu é possibilitada pelas experiências de castração, que vão aos poucos fragilizando o ideal de onipotência narcísica proposto inicialmente pelo outro, causando porosidades no invólucro narcísico do sujeito e ocasionando o fracasso da confirmação narcísica. A vergonha liga-se a uma ruptura ocorrida nessa passagem, dificultando a integração das experiências de castração à identidade do sujeito: isso o fragiliza na relação com o outro. É na tentativa de integração do trauma da castração à identidade do sujeito, fortalecendo-o enquanto tal, que a vergonha aparece.

Palavras-chave: vergonha; narcisismo; experiências de castração.

Abstract: The experience of shame is related to the construction of narcissism, mainly to the primitive stage of narcissism, the ideal ego. The passage of the ideal ego to the ego ideal is permitted by castration experiences that gradually weaken the ideal of narcissic onipotence initially proposed by the other, causing porosities in the narcissist cover of the subject, also causing the failure of the narcissist confirmation. Shame links to a rupture which occurs in this passage, hindering the integration of experiences of castration and the subject's identity, causing him to be fragile in his relation with the other. Hence, shame appears during the attempt of integration of the castration trauma to the subject's identity, strenghtening him as such.

Key-words: shame; narcissism; castration experiences.

São muitas as manifestações afetivas com as quais o psicólogo se depara em sua prática. Dentre elas, uma passou a chamar a nossa atenção: a vergonha. Começamos a perceber a presença de tal estado afetivo em vários pacientes, de forma relevante e insistente. Diante disso, debruçamo-nos sobre o estudo da literatura psicanalítica. Freud, em sua obra, em poucos momentos faz referência à vergonha. Usaremos esses poucos achados da obra freudiana, combinados à abordagem da vergonha de Delphine Scotto di Vettimo (2004), na tentativa de pensar a vergonha clinicamente.

A vergonha, na obra freudiana (1895), aparece, primeiramente, com as exigências morais, como força recalcadora e como uma das forças contra as quais a pulsão sexual tem de lutar. A vergonha seria, então, uma força (dentre outras, como asco, compaixão, culpa, construções sociais da moral e da autoridade) que atua na tentativa de direcionamento das pulsões sexuais parciais ao primado genital. Ela aparece atuando no interior do circuito pulsional, como uma força que age contra a pulsão sexual; ela é usada pelo ego para recalcar as pulsões sexuais primitivas e mantê-las recalçadas. Nesse sentido, a vergonha está intimamente ligada à pulsão, principalmente às pulsões primitivas regidas pelo Princípio de Prazer.

Freud (1895) caracteriza a vergonha como um afeto advindo do medo de que outras pessoas saibam algo, propondo-a como principalmente relacionada às práticas de caráter sexual presentes na infância; esse temor parece advir da possibilidade de retorno do recalçado, das pulsões primitivas recalçadas. Esse é o conflito que serve de pano de fundo para a vergonha: entre um modo primitivo de funcionamento pulsional, regido pelo Princípio de Prazer, e um modo de funcionamento pulsional adaptado ao Princípio de Realidade.

A vergonha parece estar diretamente ligada ao olhar do outro, à forma pela qual o sujeito estabelece suas relações com o outro e à posição que ocupa diante do outro. Para isso, o modo de funcionamento narcísico da libido é fundamental. Esse ponto parece ganhar destaque na vergonha.

Diante disso, a experiência da vergonha parece estar intimamente relacionada com a construção do narcisismo, principalmente com a fase primitiva do narcisismo: o eu ideal. O narcisismo primário pode ser pensado como a formação de um invólucro subjetivo de proteção ao eu, invólucro que protege o eu contra o aniquilamento na relação com o outro.

Como destaca Veltimo (2004), a vergonha aparece como reação ao olhar do outro e vem marcar o fracasso da confirmação narcísica. Podemos pensar que, na vergonha, o fracasso da confirmação narcísica acarretaria uma “ruptura” na passagem do eu ideal para o ideal de eu. No eu ideal, o sujeito está totalmente submetido à imagem e às idealizações narcísicas do outro, em uma posição de objeto, alienado ao outro. Essa relação de alienação deve aos poucos transformar-se, possibilitando que o sujeito saia da posição de objeto e assuma uma posição de sujeito diante do outro.

Essa passagem é possibilitada principalmente pelas experiências de castração, que vão gradualmente fragilizando o ideal de onipotência narcísica proposto inicialmente pelo outro e causando porosidades no invólucro narcísico do sujeito, ocasionado o fracasso da confirmação narcísica. Essas porosidades são fundamentais para a constituição simbólica do sujeito, pois possibilitam o reconhecimento do sujeito por parte do Outro, passando de uma identificação imaginária para uma identificação simbólica, como destaca Veltimo (ibid.).

Assim, pouco a pouco, institui-se a alteridade na relação com o outro; com isso, forma-se o ideal de eu, idealização balizada pelos limites do eu, por sua incompletude, abandonando o ideal paterno onipotente que constituía o eu ideal, transformando a relação de identificação com o outro. A transformação do eu ideal em ideal de eu impede a confirmação narcísica do sujeito na relação com o outro, impossibilitando que o sujeito permaneça em posição de objeto do gozo do outro. Porém, em alguns casos, o sujeito não consegue abandonar esse ideal de onipotência e fica fixado em alguns pontos dele; sendo assim, sua identidade mantém alguns

pontos onipotentes. Em função disso, o sujeito teme a qualquer momento fracassar diante do olhar do outro, que invoca sua insuficiência.

Podemos pensar que essa fixação em alguns pontos do eu ideal ocorre na tentativa de reparar as porosidades do invólucro narcísico, de reparar as marcas da castração simbólica e de retornar a esse período de objeto onipotente. Essa tentativa de reparo das porosidades fragiliza o sujeito na relação com o outro, pois confere um poder excessivo ao outro, como indica Vettimo (ibid.). Diante disso, constata-se que, nesses casos, as idealizações narcísicas de onipotência do eu são reativadas e denunciadas na relação com o outro. O risco de se deparar com o eu frágil, objeto do gozo do outro, vem à tona.

Portanto, o outro não reconhece o sujeito em uma posição onipotente; ao contrário, o olhar do outro aponta para seus limites, para sua incompletude, ocorrendo uma defasagem entre a imagem narcísica de si, feita de perfeição, e uma imagem reconhecida no olhar do outro de limitação e incompletude, como propõe Vettimo (ibid.). Nesse momento, o sujeito se vê assolado pela vergonha, como se uma parte do mais íntimo de si se encontrasse brutalmente exposta ao outro – seus limites, sua incompletude.

O sujeito faz de tudo para esconder sua fraqueza, mantendo-se ligado ao eu ideal, período em que não havia sido submetido à castração. No entanto, é justamente por manter-se ligado ao eu ideal que sua insuficiência, apontada pelo outro, se torna tão angustiante. A vergonha liga-se a uma ruptura ocorrida na passagem do eu ideal para o ideal de eu e ao fracasso da confirmação narcísica, que dá início à construção do ideal de eu.

A inibição é um dos mecanismos usados pelo sujeito para não entrar em contato com sua insuficiência, que o afeto de vergonha na relação com outro expõe. Funções egóicas, associadas ao afeto de vergonha, passam a ser inibidas na tentativa de evitar tal afeto. Esse mecanismo utilizado pelo ego reforça a fixação em pontos do eu ideal, fixação em ideais de onipotência, fragilizando cada vez mais a identidade do sujeito na relação com o outro.

A vergonha, além de se ligar a um registro psíquico, liga-se também a um registro somático. Sabemos que a vergonha se expressa especialmente no corpo: taquicardia, tremor, suor, gagueira, enrubescimento do rosto – o rosto “pinta-se” de vermelho –, como destaca Vettimo (ibid.). Não é por acaso que ela usa o termo “pinta-se” de vermelho, pois tais sensações corporais são independentes da vontade do sujeito, que não as consegue controlar. Essas sensações, que assolam o sujeito no momento da vergonha, reforçam a implicação do outro nessa experiência – o sujeito sente-se envergonhado e não consegue esconder do outro tal afeto, não encontra maneiras de se defender de tais manifestações corporais, deixando claro sua limitação, sua insuficiência.

Como já colocamos, a vergonha liga-se a um registro psíquico e a um registro somático. De acordo com Vettimo (ibid.), manifestações físicas, corporais e fisiológicas da vergonha testemunham um aspecto dessa experiência que provoca a queda do sujeito em uma dimensão não-simbolizável, campo do traumático. A vergonha aparece tendo sua origem em um acontecimento traumático, nas vivências de castração que atingem o eu ideal; sendo assim, o invólucro narcísico do sujeito torna-se poroso. As porosidades no invólucro narcísico fortalecem o sujeito simbolicamente, possibilitam a integração das experiências de castração a sua subjetividade, marcando o fracasso da confirmação narcísica.

Na vergonha, o sujeito não conseguiu integrar as experiências de castração à sua identidade, permanecendo preso a elementos do eu ideal. É na tentativa de ultrapassar o trauma da castração que a vergonha aparece. Essa tentativa é feita pela repetição atenuada do evento traumático da castração, para que o sujeito possa integrá-lo à sua identidade. Caso isso não ocorra, a vergonha tornará a se repetir, refazendo-se enquanto circuito mortífero da pulsão de morte.

Quando há vergonha, o ego vive ativamente a situação de perigo com a finalidade de restringir a experiência traumática a uma mera indicação, a um sinal; ou seja, o ego prevê o trauma e se comporta, atenuadamente, como se ele já tivesse chegado, na tentativa de evitá-lo;

envergonha-se de sua insuficiência antes de o outro a apontar, para evitar que este a aponte. Por não integrar as experiências de castração à sua identidade, o sujeito passa a viver uma incerteza narcísica angustiante – teme não ser o objeto do gozo do outro.

A experiência da vergonha parece ser inicialmente indizível, uma expressão acentuada da pulsão de morte, que condena o sujeito ao silêncio como propõe Veltimo (ibid.). Diante dessa experiência que parece escapar da linguagem, o sujeito talvez precise primeiramente experimentá-la em sua materialidade corporal, para, em seguida, conseguir colocá-la em palavras e, posteriormente, reconhecer-se envergonhado. Com isso, inicia o processo de integração da vergonha à sua subjetividade, reapropria-se do trauma da castração, fortalece-se simbolicamente, e assim, possibilita a ligação entre pulsão de vida e pulsão de morte.

A vergonha parece advir da tentativa de ultrapassar o trauma; é diferente da pura repetição, e mais saudável, pois permite ao sujeito continuar a se experimentar como tal, como ressalta Veltimo (ibid.). Nesse sentido, destacamos a importância da “clínica da vergonha”, de um espaço que propicie a vivência do afeto da vergonha para que, posteriormente, o sujeito possa apropriar-se desse afeto, pondo-o em palavras.

A partir dessa recuperação da posição do sujeito envergonhado, as porosidades do invólucro narcísico causadas pelas experiências de castração podem ser integradas à identidade do sujeito. Isso fortalece simbolicamente o sujeito, fortalecendo-o na relação com outro. Ao reconhecer-se envergonhado e poder pôr em palavras tal afeto, ou seja, expressar simbolicamente a vergonha, o sujeito está reconstruindo sua identidade, reapropriando-se de seus limites e de sua incompletude.

Contudo, como coloca Veltimo (ibid.), a função principal da vergonha parece ser a de permitir ao sujeito se experimentar como tal, possibilitando que este se reaproprie do trauma da castração. Diante disso, a “clínica da vergonha” parece ser um espaço necessário e indispensável para o fortalecimento do sujeito – do sujeito envergonhado.

Referências

- Freud, Sigmund 1895: “Rascunho K – As neuroses de defesa”. In: Freud 1996, v. 1.
- ____ 1905: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: Freud 1996, v. 7.
- ____ 1908: “Caráter e erotismo anal”. In: Freud 1996, v. 9.
- ____ 1911: “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”. In: Freud 1996, v. 12.
- ____ 1912: “Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise”. In: Freud 1996, v. 12.
- ____ 1914: “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: Freud 1996, v. 14.
- ____ 1915a: “O inconsciente”. In: Freud 1996, v. 14.
- ____ 1915b: “Os instintos e suas vicissitudes”. In: Freud 1996, v. 14.
- ____ 1915c: “A repressão”. In: Freud 1996, v. 14.
- ____ 1916/17: “Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas”. In: Freud 1996, v. 16.
- ____ 1926: “Sintoma, inibição e angústia”. In: Freud 1996, v. 20.
- ____ 1996: *Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- Garcia-Roza, Luiz Alfredo 1999: *O mal radical em Freud*. 4. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ____ 2000: *Introdução à metapsicologia freudiana*. 5. ed. v. 3. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Plastino, Carlos Alberto 2001: *O primado da afetividade – a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- Laplanche, Jean 1987: *A angústia*. São Paulo, Martins Fontes.
- Laplanche, Jean e Pontalis, Jean Bertrand 2001: *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes.
- Rocha, Zeferino 2000: *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo, Escuta.

Vettimo, Delphine Scotto 2004: "Psicopatologia da vergonha no sujeito vítima de abuso sexual: quais as apostas clínicas e terapêuticas?". *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, v. 7, n. 2, pp. 49-82.

Zaltzman, Nathalie 1994: *A pulsão anarquista*. São Paulo, Escuta.